

No inverno de 1907, um enorme OVNI foi avistado em Long Island, nos Estados Unidos



Foi um despacho curto e seco, transmitido pela agência United Press a partir de Nova York, que deixou a pequena cidade de Jamaica, em Long Island, em polvorosa nos últimos dias de dezembro de 1907. Segundo o relato publicado pouco depois pelo *Pueblo Sun*, do Colorado, um grande balão teria aparecido sobre a cidade, baixo e visível o suficiente para que toda a população ficasse, nas próprias palavras do despacho original, "completamente agitada".

O que chamou a atenção das testemunhas não foi tanto a presença de um balão — as ascensões eram então um espetáculo relativamente comum na costa Leste — mas a forma como estava equipado: uma lanterna estaria suspensa por uma corda a cerca de seis metros (vinte pés) abaixo do cesto. Essa proximidade incomum entre uma chama exposta e o enorme envelope inflado a gás teria causado, segundo o jornalista, ainda mais espanto do que o aparecimento inesperado da própria aeronave. Nenhum clube aeronáutico nem companhia de gás da região reivindicou ou relatou um lançamento correspondente a essa descrição.

Uma América já habituada aos "mystery airships"

Para compreender a repercussão desse episódio, é preciso situá-lo numa cronologia mais ampla. Entre o outono de 1896 e a primavera de 1897, os Estados Unidos já haviam vivido o que os historiadores hoje chamam de onda dos "mystery airships" (aeronaves misteriosas): milhares de testemunhas, da Califórnia ao Texas, passando por Nebraska e Missouri, relataram ter observado engenhos aéreos equipados com potentes holofotes, por vezes descritos com um luxo de detalhes técnicos muito além das capacidades aeronáuticas conhecidas na época. Em 17 de novembro de 1896, o *Sacramento Bee* abriu essa série com o relato de uma luz cruzando o céu da cidade; meses depois, dezenas de milhares de pessoas afirmavam ter visto, num dia de abril de 1897, um enorme engenho sobrevoando Kansas City.

O fenômeno não era novidade nem mesmo em 1896: já em novembro de 1876, a imprensa de Sacramento havia relatado o aparecimento de uma luz semelhante, comparada a um "arco elétrico impulsionado por alguma força misteriosa". O professor George Davidson, citado pelo *San Francisco Chronicle*, atribuiu o episódio a uma "maçonaria de mentirosos" que teria lançado um balão equipado com um dispositivo luminoso — explicação que se tornaria um

clássico do gênero: o embuste coletivo, cuidadosamente sustentado por um punhado de brincalhões e amplificado pela imaginação popular.

Essa genealogia lança uma luz particular sobre a observação de Jamaica: uma década depois da grande onda do Meio-Oeste, a simples visão de um balão com uma lanterna ainda era suficiente para mobilizar uma cidade inteira, prova de que a aerostação continuava sendo, para o público da costa Leste, um território carregado de uma mistura de fascínio técnico e inquietação quase sobrenatural.

O que o contexto aeronáutico de 1907 nos revela

O ano de 1907 não é escolhido ao acaso. Foi precisamente nesse período que o Aero Club of America, fundado em Nova York em junho de 1905, realizava suas ascensões mais espetaculares a partir de suas bases em Pittsfield e North Adams, em Massachusetts, em preparação para a copa internacional Gordon Bennett, que deveria sediar em solo americano após sua vitória surpreendente em Paris no ano anterior. Aeronautas reconhecidos como Leo Stevens — fabricante de balões sediado em Nova York — ou Alan R. Hawley multiplicavam então os voos de teste, alguns cobrindo várias centenas de quilômetros.

Ora, esses mesmos registros lembram que os aeronautas do Aero Club evitavam cuidadosamente sobrevoar o estreito de Long Island Sound, considerado arriscado demais para um pouso de emergência em caso de incidente. Um balão à deriva sobre Jamaica, na extremidade oeste de Long Island, dificilmente corresponderia, portanto, a uma rota deliberada de uma expedição séria do clube — o que reforça a hipótese, ainda hoje favorecida, de um balão amador, mal controlado, arrastado pelos ventos de dezembro, e não de uma expedição organizada e oficialmente declarada.

Citação

"O fato de uma luz estar tão próxima do enorme balão de gás causou ainda mais surpresa do que o aparecimento inesperado da grande aeronave."

— Despacho da United Press, reproduzido no *Pueblo Sun*, 28 de dezembro de 1907

Olhar crítico

Na ausência de um registro fotográfico ou de um relatório oficial de ascensão correspondente à data e ao local, o episódio de Jamaica permanece, no plano documental, um simples despacho de agência — um formato conhecido por privilegiar o efeito sensacionalista em detrimento da verificação cruzada. Historiadores da aeronáutica americana apontam que nenhum voo organizado pelo Aero Club of America, então a única estrutura nova-iorquina capaz de realizar ascensões oficiais e monitoradas, ficou registrado nessa data para a região de Long Island.

A explicação mais provável, já levantada para dezenas de observações comparáveis entre 1876 e 1897, continua sendo a de um balão-sonda ou um balão recreativo lançado por um particular ou um grupo de amadores, à deriva sem operador declarado e equipado com uma lanterna para sinalizar sua presença durante a noite — prática então comum e sem qualquer intenção de engano. A proximidade relatada entre a chama e o envelope de gás, se exata, deve-se mais à imprudência técnica da época do que a um fenômeno inexplicado: os balões a gás de 1907 não eram projetados para transportar uma chama exposta, e esse testemunho pode ter sido amplificado pelo temor geral, mais do que por uma observação precisa na escuridão do inverno.

Ainda assim, esse episódio quase anedótico ilustra a maneira como a imprensa americana da virada do século soube transformar um simples objeto voador mal identificado — um balão extraviado, uma lanterna balançada pelo vento — num pequeno mistério local, dentro de um clima já moldado por uma década de relatos de "aeronaves" fantasmas.

Sources

- [*SAW A LIGHT IN THE SKY.*](#), The Pueblo Sun, 28 de dezembro de 1907
-

OVNI - 20 août 2026 - Wakonda - CC BY 2.5